

REVISTA
DE

TURISMO

PUBLICAÇÃO MENSAL
DE TURISMO, PROPAGANDA,
VIAGENS, NAVEGAÇÃO, ARTE
E LITERATURA ◻ ◻ ◻

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA «REVISTA DE TURISMO»

ANO V
II SERIE

NOVEMBRO 1920
N.º 101

DIRECTOR : AGOSTINHO LOURENÇO
SECRETARIO : JOSÉ LISBOA

REDACTOR PRINCIPAL : GUERRA MAIO
EDITOR : F. FERNANDES VILLAS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegoaria)

TELEFONE 2337 CENTRAL

Composto e impresso no CENTRO TIPOGRAPHICO COLONIAL—
Largo Raphael Bordalo Pinheiro, 27—(Antigo Largo d'Abegoaria)

ESTRADAS E TURISMO

CREAÇÃO D'UMA ADMINISTRAÇÃO AUTONOMA

PELO decreto n.º 7037, publicado no Diário do Governo n.º 209 da 1.ª série, referido a 17 de outubro findo, foi creada a Administração Geral das Estradas e Turismo.

No relatório que precede esse decreto, o Governo justifica as razões que o levaram a tomar uma resolução de tanta monta; ocupando-se, principalmente, do ramo «estradas», e consignando ao turismo apenas um simples periodo. Isto, porem, não obsta a que justamente louvemos o governo, como merece, por essa benefica iniciativa.

Assim, por esse decreto, que se presume entrar imediatamente em vigor, a importantissima questão das estradas passa a ter uma administração autonoma, absolutamente independente da ação governativa.

Reconheceu-se, pois, a legitimidade da campanha levantada n'esse sentido pela imprensa portugueza, e na qual a *Revista de Turismo* tomou uma parte muito activa.

Não iremos talvez, mesmo, muito fóra

da verdade, em dizer que ela foi das primeiras publicações a sugerir a idéa da autonomia d'esse importante ramo do serviço publico; idéa que acaba de ser posta em pratica, com o que muito nos congratulamos.

Não podemos, por falta de espaço, apreciar detalhadamente o diploma a que nos estamos referindo. Constatamos, porem, que, sobre «estradas», ele concretisa toda a argumentação em que se baseou a campanha da imprensa.

Justo é, porém, que distingamos n'essa lucta, terminada muito honrosamente, o nome do Sr. Engenheiro José Fernando de Souza, que, quer como illustre jornalista, quer como proficientissimo tecnico, n'ela tomou uma acalorada e autorisadissima parte.

No que respeita ao turismo, o decreto n.º 7037 concede, á respectiva Repartição, uma mais ampla liberdade d'ação, que lhe advem da autonomia da Administração de que agora fica dependente, e das disposições exaradas nos artigos 8.º e 9.º d'esse documento. Fica assim essa Repartição

com uma maior latitude para se ocupar dos complicados problemas da industria do turismo.

Aguardamos, pois, os resultados, para então os apreciarmos.

Porem, e sem espirito de critica, não podemos deixar de frizar que a obra do governo foi incompleta; porquanto, limitando as disposições do decreto em questão simplesmente a «estradas e turismo», deixou que os serviços de viação e os dos portos, continuem sob o regime do «statu-quo-ante».

Ora, no que respeita a viação, todos nós sabemos as afinidades que ela tem com os dois ramos «estradas e turismo» e quanto era preciosa uma interferencia directa da Administração, agora creada, nas relações dos serviços que intimamente se ligam, principalmente no que respeita ao turismo. Assim, fica de pé um irritante escolho em que a respectiva Repartição muitas vezes tropeçará!

E' de crêr que a boa vontade das direcções ferro-viarias e da instancia official a que elas estão directamente subordinadas, se concertem n'uma plataforma de bom entendimento para a realisação de medidas que interessam ao turismo. Todavia, outros ramos de viação ha, em que a intervenção official não se poderá fazer sentir d'uma maneira apreciavel; e isso prejudicará, por forma sensivel, a acção que é preciso desenvolver para dar completa harmonia aos serviços que incumbem agora á respectiva Repartição.

Relativamente aos serviços dos portos, é, tambem, para lastimar que não fossem incorporados na nova Administração.

Para justificar esta arguição, poderiamos expôr um sem numero de argumentos, alguns traduzindo factos da mais palpavel e infeliz realidade. Um, porem, nos basta; e esse vamos dal-o á estampa, transcrevendo-o do numero de 10 d'outubro ultimo, do jornal «Comercio da Madeira» que se publica no Funchal.

Eil'o:

Os passageiros do paquete «Almanzora» reclamam contra o mau serviço das

lanchas e a exigencia de 5 shillings por desembarque.

«Registamos com sumo prazer a adesão do nosso colega «Diario da Madeira» ao protesto contra o abuso que se está cometendo para com os estrangeiros que passam ou chegam ao nosso porto, não só quanto ao pessimo serviço das lanchas, como quanto á extorsão de 5 *shillings* pelas respectivas passagens.»

«O «Almanzora», completamente cheio e cheio de passageiros ricos, apenas desembarcou meia duzia d'eles, porque os outros, indignados, ficaram a bordo como protesto contra a extorsão inqualificavel.

«E a fama vae espalhando-se, a fama da forma indigna como procedemos para com os estrangeiros, e com tanta velocidade que, dentro em poucos dias, não só nem um passageiro desembarcará, como nem um navio tocará no nosso porto.

«A quem poderemos pedir, a quem podemos dirigir a reclamação d'um povo inteiro, que lucha com dificuldades de toda a ordem, agravadas com a falta de navegação?

«Ou não ha esperanças de sermos atendidos por autoridades que olhem a sério pelo nosso progresso, pelo fomento do turismo na Madeira?!»

Isto foi publicado em tipo grosso, na primeira pagina do referido jornal.

Cremos ser sufficiente argumento para mostrar a nossa razão. Assim o Governo se compenetre e providencie como julgar mais conveniente.

JOSÉ LISBOA

CASTELO DA FEIRA

O nosso colega Correio da Feira, referindo-se com palavras de justo louvor ao nosso muito prezado colaborador sr. Ribeiro Christino, transcreveu a descripção, que inserimos no ultimo numero d'esta Revista, da visita feita por aquelle illustre professor ao magestoso Castelo da Feira.

O Correio da Feira refere-se, tambem, muito amavelmente á Revista de Turismo, pelo que lhe consignamos os mais reconhecidos agradecimentos.



EM VIANA DO CASTELO

AS FESTAS DA AGONIA

DESDE as devotas prédicas do beato Frei Antonio das Chagas, em 1679, que a ermida de Nossa Senhora da Via-Sacra começou a ter romaria no dia 20 de Agosto; e em poucos anos já não eram só os marítimos nem os visinhos, senão os povos do Minho e da Galiza, que aqui vinham em piedosa visita anual. O sobrinho do fundador, João Jácome do Lago, abade de S. Pedro de Este, desanexou do vínculo a capela, entregando-a á irmandade, que tomou a cargo a sua fábrica e culto da Virgem, que principiava a intitular-se *da Agonia*.

O nosso patricio Bento José Alves, homem de negocio em Lisboa, reedificou totalmente o edificio, augmentando-o e rodeando-o com um pequeno adro com entradas lateraes, que em 1824 foi alargado para o Nascente, afim de ali se colocar a fonte; e mais tarde, em 1858 e 1868, sahiu mais fóra, construindo-se-lhe o escadório central.

Em Agosto de 1772, houve a feira franca com abarracamento para os lojistas, estendendo-se pelo renque de arvores até á esquina da cêrca dos frades dominicos; porém, como vieram muitos negociantes de Braga, Guimarães e Porto, os mercadores vianenses negavam-se não só a fechar as suas lojas na Vila, como a armarem as suas tendas no campo; e nem a provisão régia de 1777 que autorizou estas feiras, os pôde demovêr da sua teimosia, protestando guerrear esta romaria a todo o transe.

A feira franca durava os trez dias, 18, 19 e 20 de Agosto, transferindo-se a feira de gado cavalár, asinino e vacum do dia de S. Thiago para o dia 19, mas

continuando-se a reunir no campo da Penha, hoje Praça de D. Fernando.

Para acabar com as feiras, inventaram os nossos negociantes motivos de ordem publica e de moralidade, quando o que receavam era a concorrência das proximas cidades; e tanta foi a intriga, que a provisão de 1800 prohibiu as feiras da Agonia. Mas devia durar pouco este triumpho, pois, a pedido do proprio Senado e dos Mesários da Agonia, foi restabelecida a feira logo em 1806; e apesar da invasão francesa, as transações elevaram-se a dezenas de mil cruzados.

As festas de 1822 fôram esplendidas; e Santos Lomba não só custeou tudo, mas ofereceu á capela um bom piano, que trouxe de Cádiz, talvez o primeiro que houve em Viana. As questões politicas afugentaram os visitantes, e só depois de aberta a estrada macadamizada do Porto, em 1858, voltaram as feiras ao pristino brilho. Apareceram as exhibições espantosas e os inventos modernos, como o fogo do José Osti, os gigantes do reino visinho, a iluminação a tigelinhas de cêbo, os balões, os bazares a substituirem-se ás arrematações de preção, etc., etc.

Com a abertura da linha férrea, as feiras tomaram nova feição, perdendo em grande parte o cunho local, diminuindo sobremodo a qualidade e quantidade da mercância exposta, estendendo-se hoje em dia os festejos a toda a cidade, inscrevendo-se nos programas da romaria couzas nunca vistas nem admiradas!

Viana, Agosto 1920.

L. DE FIGUEIREDO DA GUERRA.



A FEIRA DE LISBOA

DIVERSOS outros assumptos que teem prendido a nossa atenção, não nos permitiram, ainda, dispensar á obra da *Feira de Lisboa*, a consideração que ela merece.

Já em o nosso numero 97, referido a julho ultimo, occupando-nos d'este interessante assumpto, reivindicámos para nós, por uma simples questão de principios, a primazia d'essa idéa. E como somos escravos d'esses nossos principios, vamos, a titulo de documentação, arquivar n'estas columnas, antes de entrarmos na apreciação generica dos trabalhos em curso para a realisação da Feira de Lisboa, a carta que oportunamente dirigimos á Direcção do jornal «A Patria», cujo contheudo apenas mereceu uma referencia pouco extensa...

Lisboa, 8 de Julho de 1920.

Ex.^{mo} Sr. Director do jornal "A Patria."

LISBOA

Ex.^{mo} Confrade

Por um dos numeros do jornal que V. Ex.^a proficientemente dirige, que acabo de lêr, vejo que a "PATRIA," lançou a idéa da organisação d'uma Feira de Lisboa, penso que a realisar-se annualmente, no benemerito e patriotico intuito

UMA PATRIOTICA INICIATIVA

de fazer propaganda das produções industriaes portuguezas e de atrahir forasteiros á nossa Cidade, quer nacionaes, quer estrangeiros.

Não tendo senão que aplaudir a pratica d'essa idéa — a que estou autorisado a dar o apoio da «Revista de Turismo» — e á qual prestarei o meu modesto concurso, permita-me, no emtanto, V. Ex.^a, que reivindique para a minha humilde pessoa a origem da referida idéa, como V. Ex.^a poderá certificar-se pelo numero de 15 de Setembro de 1917, da mesma «Revista de Turismo», que junto tenho a honra de remeter e no qual, a tal respeito, foi inserto um artigo da minha autoria.

Esperando, pois, que V. Ex.^a tenha esse facto na devida atenção, subscrevo-me com toda a consideração,

confrade e admirador

José Lisboa

Secretario da "Revista de Turismo."



Posto isto, que, como atraz dizemos, apenas tem o valor de simples documentação, vamos apreciar os factos já consumados.

A idéa da organisação da *Feira de Lisboa* tem tido, por todo o Paiz, o mais sympathico acolhimento. Não era de es-

perar o contrario, visto tratar-se d'um beneficio geral e de proveitosissimos fructos para a nossa economia.

De todos os lados tem brotado os alvitres—alguns aproveitaveis, outros phantasiosos. Todos eles serão, certamente, apreciados pelas diversas comissões, que foram já eleitas na grande reunião preparatoria efectuada ha dias.

Pensa-se, segundo supomos, em aproveitar a vinda de estrangeiros a Lisboa, por motivo da reunião da comissão economica inter-aliada, que deverá ter logar em maio de 1921, para n'essa ocasião se realizar a *Feira de Lisboa*; e essa idéa achamol'a merecedora do maior aplauso, pois n'essa epoca ainda o nosso Paiz conserva patente os vestigios da primavera, que em Portugal se manifestam com uma exuberancia diferente das outras nações.

O clima, então, é, ainda, habitualmente, d'uma atrahente amenidade; a flóra — e tão original ela é em Portugal!— conserva, n'esse mez, o viço e a florescencia que lhe vem d'Abril. E' tambem em maio que muitos forasteiros costumam vir a Lisboa e que a cidade mantem um aspecto interessante da sua vida. Isto, alem de muitos outros predicados que agora não nos occorre.

Não podemos, é certo, por essa ocasião, fazer uma exposição dos nossos preciosos fructos verdes, como alguém já fez notar; mas essa falta é sobejamente

compensada com a profusão de flores que poderemos patentear aos olhos avidos dos visitantes, o que, sem duvida, contribuirá em muito mais pezado valor para a alegria da Feira.

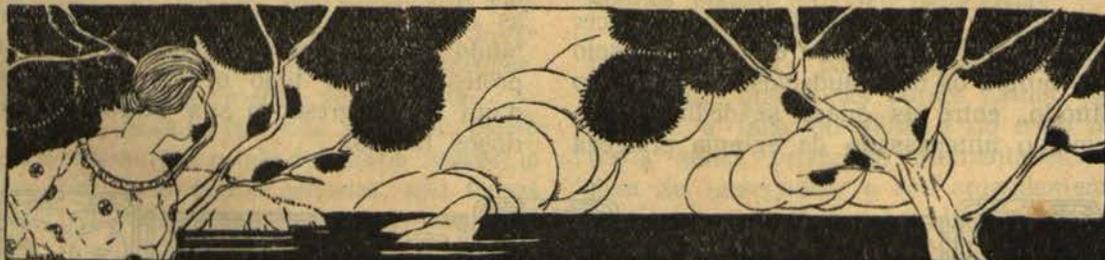
Acresce ainda que uma grande maioria dos nossos fructos podem ser expostos em estado de sêcos; o que dará uma idéa aproximada da sua riqueza.

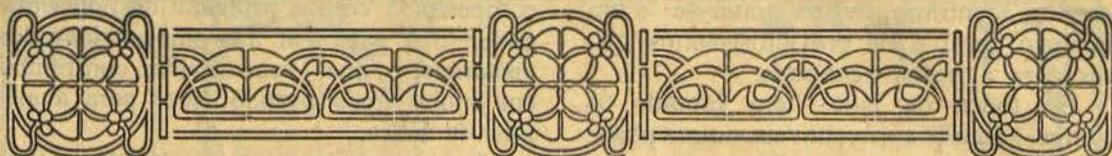
Emfim, a epoca é um ponto primacial a atender; e em nossa opinião, a já indicada tem superiores vantagens sobre qualquer outra, principalmente no proximo ano de 1921, por se conjugar com o facto muito atendivel da vinda d'extrangeiros.

O que se nos afigura é que ha pouco tempo já, para os grandes trabalhos que demanda a organização d'um tão importante certame; e se não houver, da parte das diversas comissões, um vehemente enthusiasmo para o bom e rapido desempenho da missão confiada a cada uma d'elas, difficilmente se conseguirá fazer obra completa e de proficuos resultados.

Esperamos, no emtanto, que os homens que se incumbiram d'essa patriotica tarefa se hão de haver á altura dos seus creditos, que em muitos estão já firmados pelo espirito de ponderação e orientação que revelam.

Pela nossa parte, mais uma vez confirmamos o apoio e o concurso já ofrecidos e que a *Revista de Turismo* possa conceder dentro dos seus recursos.





OS REIS DA BELGICA

EM PORTUGAL

DIGNARAM-SE S. S. M. M. o Rei Alberto e a Rainha Izabel da Belgica, acompanhados de S. A. o Principe Leopoldo, herdeiro do Throno, passar oficialmente em Lisboa, depois da sua triumphante viagem pelo Brazil.

Não nos cabe a nós — publicação essencialmente dedicada á defeza da industria do Turismo em o nosso Paiz—fazer uma larga referencia d'esse facta, aliás da competencia dos grandes jornaes d'informação, que a ele se consagraram largamente.

Não podemos, tampouco, apreciar essa visita pelo seu prisma material, de que a Nação poderá recolher relativos proveitos.

Portanto, simplesmente como portuguezes, nos regosijamos bastante com essa distincção; e, sem duvida, Suas Magestades e seu Augusto Filho hão de sentir-se captivados com o caloroso e expontaneo entusiasmo que coroou o acolhimento que Lhes foi feito pelo Povo Portuguez.

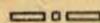
S. M. o Rei Alberto encontrou no écho das manifestações luzitanas o verdadeiro apreço á sua excelsa obra de Soberano e de Soldado.

Por certo isso O compensaria da sua vinda a Portugal, se não tivesse o desejo — que assim talvez satisfez — de conhecer de perto este bom povo e de pizar o solo que brotou os mais audaciosos homens do Mundo, entre os quaes se distingue um legitimo antepassado da egregia princeza

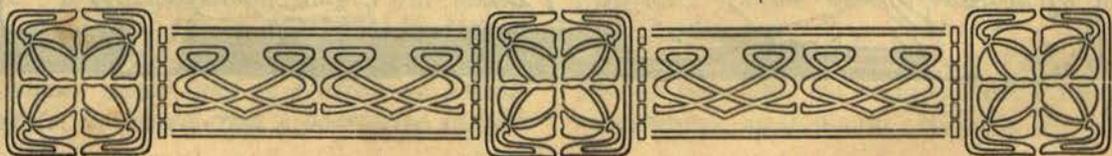
a que ligou os seus destinos e que no transe cruciantissimo porque a Belgica passou, n'esse calamitoso periodo da grande guerra, mostrou bem o sangue que Lhe gira nas veias e o direito com que ocupa o seu legitimo lugar de Rainha do glorioso povo Belga.

S. M. a Rainha Izabel, princeza de Bragança, compartilhando da grandiosa apothese que o Povo Portuguez tributou aos Soberanos Belgas, devia sentir-se intimamente orgulhosa da sua ascendencia, que governou em tempos idos o Paiz lindo que Ela agora pizou.

Não puderam S. S. M. M. apreciar as belezas, todos os encantos d'este jardim da Europa que os recebeu festivamente. Todavia a impressão que recolheram do que puderam vêr durante a sua curta estada em Portugal, confirmou, certamente, os echos que Lhes devem ter chegado sobre este paraíso terrestre.



A *Revista de Turismo*, registando, com a mais viva satisfação, a visita dos Soberanos Belgas a Portugal, apresenta-Lhes as suas mais respeitosas saudações, juntando os seus votos aos que Lhes foram protestados por todo o Povo Portuguez, d'um feliz regresso á sua Patria, de gloriosos heroes.



NA MADEIRA

TURISMO

«OU REAGIMOS OU MORREMOS
— COMO DEVEMOS REAGIR»

SOB esta impressionante e sugestiva epigraphie, o «Comercio da Madeira» que se publica no Funchal, inseriu o seguinte artigo :

«E o sonho continua, roxo, sedutor, até que um dia o despertar seja gélido, como que o despertar da pavorosa e gélida morte.

Ele virá, ele virá — dizem os optimistas — como se o maná tornasse a cair do Céu ; como se os motores pudessem mover-se sem oleo combustivel.

Além, nas Canarias, trabalha-se ativamente, com o fito unico de nos roubar a navegação ; aqui dorme-se, em *dulce farniente*, á espera que alguma magica *varinha de condão* nos volva o bem que deixámos perder, para, quiçá, nunca mais voltar.

Além, as obras do porto, apesar de já serem importantissimas, continuam com dedicado afan ; ha 170 quilometros de soberbas estradas macadamizadas que o proprio continente invejaria ; parques encantadores onde as creanças fortalecem e os velhos tornam a rejuvenescer ; casinos luxuosissimos onde, a par do jogo que dissipa o *sepleen*, dança-se quotidianamente para alegrar a juventude e fazer sorrir os neurastenicos. E por toda a parte se ouve falar estrangeiro, como na antiga e colossal Babel ; em toda a parte o estrangeiro é vigiado para que não seja roubado : a viação é paga a preços invariaveis que *placards*, em inglez e francez, levam ao conhecimento do visitante.

Aqui, nada se faz, não se dá um passo para rehavermos o que deixámos roubar ; e por isso não temos estradas, não temos cais, não possuímos jogo, nem avenidas, nem parques, nem casinos funcionando.

Em Lisboa, para combater a propaganda hespanhola, que tlnha por intuito

roubar ao porto de Lisboa a navegação da America, montou-se a «Sociedade Propaganda de Portugal», sociedade formada por um grupo de patriotas, que tem conseguido, não só aumentar, como conservar o antigo movimento de *turistas*.

Se o Estado nada nos concede, se os nossos parlamentares, *malgré* os seus esforços, nada teem conseguido, porque não formamos uma sociedade identica que poderia denominar-se :

«Sociedade de Propaganda da Ilha da Madeira» ?

Com um organismo d'essa ordem, composto de tudo que ha de valor na Ilha da Madeira, sobretudo de valor intelectual e patriotico, talvez alguma coisa se conseguisse, talvez conseguissemos : reivindicar os nossos direitos, dinheiro para melhorar a cidade e o porto, o estabelecimento do jogo, que para a Madeira é um questão de vida ou de morte, etc.

Sabemos que constantemente aos luxuosos hoteis da Madeira, chegam cartas do estrangeiro pedindo para guardarem quartos — *se os casinos estiverem abertos*. Mas como os casinos estão fechados, esses quartos continuam desertos, e os *turistas* vão procurar além, em Las Palmas, na Côte d'Azur, em Monaco, o que aqui lhes não podemos proporcionar por uma criminosa inação do povo madeirense.

Fazem-se manifestações para vir milho, para vir trigo ; pois faça-se uma, mais imponente que todas outras juntas, porque se a falta do milho e do trigo nos traria sérias privações momentaneas, a falta de navegação, o seu aniquilamento, trará a morte da mais linda e mais bela ilha portuguesa.

Uni-vos, porque da união nasce a força e contra a força não se resiste facilmente.»



CARTAS DE LONGE

CHRONICAS D'UM TURISTA SENTIMENTAL

A minha ultima carta chegou-vos ainda perfumada com o aroma dos castanheiros algarvios, porque os «mala-postas» não pensaram, felizmente, em qualquer novo movimento social para a reivindicação dos direitos proprios e prejuizo dos interesses alheios.

Depois disso,—que voltas o mundo dá —alarguei o vôo, como borboleta que me vou sentido, e fui parar á ridente Beira Alta, a um recanto simplesmente atrahente para um largo repouso, onde a simphathia d'um amigo me conduziu, para que eu fizesse afogar as minhas maguas na serena corrente do Dão—n'esses momentos de nostalgia em que me abeirava do seu curso—e n'ele recebesse uma nova inspiração, um tonico para o meu anemico e desolador estado.

Ahi me refiz, saboreando o encanto mudo d'esse seductor ambiente. O meu espirito gosou, envolvido na unção da maior pureza christã, as excelsas belezas do Creador. A minha alma remoçou na admiração da vida aldeã, rendilhada de captivante amabilidade, bordada na mais sã castidade, sobre o fundo d'um idealismo transcendente.

O meu fisico descansou das fadigas nostalgicas do meu espirito, envolvendo-se por entre essa vegetação de sombras e de odores enebriantes.

Belo paraizo este, na verdade!



Assisti, na pequenina aldeia de Ovoa, perto de Santa Comba Dão, a uma das mais importantes romarias beirãs, consagrada a Santa Euphemia.

— Que de seduções se elevaram no meu espirito?

— Quantas emoções activaram a minha sensibilidade?

— Que espectaculo admiravel para quem busca nas coisas mais do que a simples interpretação das apparencias!

Impossivel se me torna, em poucas palavras, fazer uma descripção de todo o prazer que ali experimentei e dos beneficios que recolhi durante a minha passagem estada na alegre região da Beira Alta. Só digo que, se pudesse mandar fazer um mosteiro para n'ele recolher todas as minhas recordações — e tantas elas são!—escolheria uma das margens do Dão, porque, n'elas, as lagrimas colorem-se com os sorrisos do Sol, os soluços fazem côo com o canto melodioso das aguas que passam e as tristuras espairecem-se nos declives das montanhas, até se esconderem na densidade dos bosques, para voltarem depois ainda mais tristes, mas com uma tristeza que sabe bem, que sensibilisa, que provoca emoções!

— E quantas eu ali senti?

Foram tantas que, depois de algum tempo já passado, me parece estar ainda saboreando-as com todo o encantamento que me produziram.

.....

Não quero contaminar a minha excêntrica nostalgia; por isso, ponho termo a esta, e na proxima descrever-vos-hei as impressões das outras batadelas das minhas azas...

Outubro 1920.

MARIO DE MONTALVÃO.

ARTE E LITERATURA

SECULO XVI

*Pergunta de FERNÃO DA SILVEIRA,
Coudel-mór, a ALVARO BARRETO.*

*Quem bem sabe, em tudo sabe
e, porêm, d'aqui concrudo
que, a vós, que sabês tudo,
a solver as questões cabe.*

*E, porêm, muy de verdade
peço, que esta respondeas
pera vêr se concertaes
com minha negra vontade :*

*Cá eu já me vi partir
e depois tambem chegar,
e senty todo o sentyr
do prazer e do pezar.*

*Mas como tudo he de saber
qual he vossa concrusam :*

*— se partir dá mays payxam,
— ou chegar mayor prazer ?*



MARINHA MERCANTE NACIONAL

AS CARREIRAS PARA O BRAZIL

O extraordinario successo alcançado com a recente viagem do vapor portuguez «Lima» ao Brazil, veio demonstrar claramente—e por uma forma bem frizante, que a nossa vitalidade na grande nação irmã não é uma coisa banal. Quebrou-se assim, com a nova orientação, o encanto dos maldizentes, que julgavam não haver possibilidade da marinha mercante nacional competir com a navegação estrangeira n'essa concorrida linha.

Razão tínhamos em insistir pela realisação d'essa carreira.

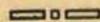
O regresso do «Lima», que veio abarrotado de carga e com os camarotes cheios de passageiros—e mais traria se a sua capacidade não fosse tão pequena, prova simplesmente a razão da nossa insistencia. Mas, mesmo assim, como nunca foi nossa pretensão vêr iniciada a carreira com grandes navios, porque a prudencia aconselha a ir-se devagar, achamos que esse vapor com outro de igual tonelagem, como o S. Jorge, estão bem nas condições de estabelecer as relações iniciaes para o inter-cambio dos respectivos productos e para uma maior aproximação d'interesses comuns.

Segundo lêmos algures, parece que a idéa de lançar a carreira para o Sul do Brasil com os dois magnificos barcos *Porto* e *Traz-os-Montes* a que aquí nos referimos no nosso ultimo numero, foi ampliada a quatro vapores, com a marcha de 14 milhas á hora; o que nos faz supôr que tambem o *Lourenço Marques* e o *Quelimane* vão fazer esta carreira. Prevaleceu o bom senso. Ainda bem. E' para o Brasil que devemos lançar as nossas vistas, e não nos devemos prender com idéas de economistas timoratos.

Uma linha regular e rapida para a America do Sul, pelo menos quinzenal, deve, dentro em pouco, marcar-nos-ha o

lugar a que temos direito no imenso trafego transatlantico.

Apreciamos, é claro, este assumpto por uma prisma geral.



Um obice se apresenta, para se alcançar o fim desejado:—é que, retirados o *Lourenço Marques* e o *Quelimane* da linha da Africa Oriental, apenas fica para essa carreira o vapor *India*, quando, para ela produzir os seus beneficos efeitos, dada a concorrencia das linhas estrangeiras, são precisos cinco navios. Só assim se poderá fazer proveitosamente uma correspondencia quinzenal em torno d'África.

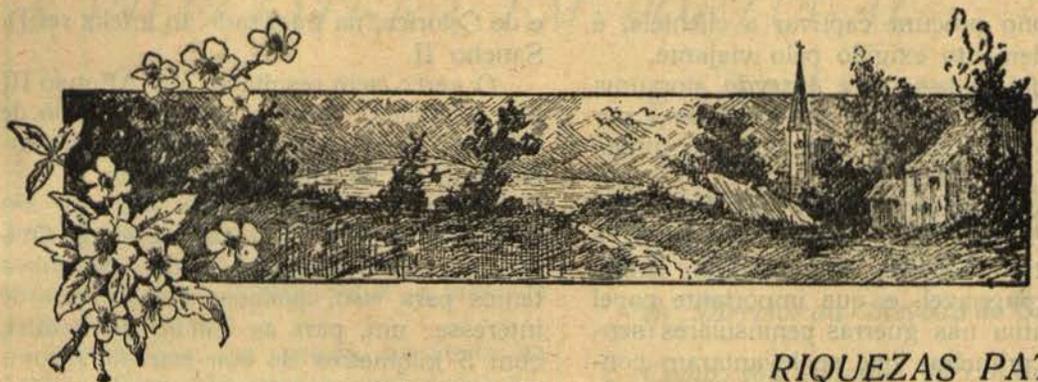
E' certo que o Estado entregou aos T. M. E. o vapor *Malange*, velho barco da Mala Real Portugueza, de 3.544 toneladas, cujo andamento não vae alem de 13 milhas. Segundo supomos, ainda existe na Inglaterra um magnifico navio de passageiros da frota dos alemães: o *Peniche*.

Porem esses dois barcos são ainda poucos para o fim desejado.

Uma solução havia, e essa de efeito bem pratico, para resolver de pronto o nosso problema maritimo — era trocar no estrangeiro, na Inglaterra, ou em França, os barcos de carga, mais dispensaveis, por outros de passageiros, o que nos permitiria fazer uma carreira de passageiros para a Africa Oriental e reforçar com mais um navio a linha do Sul do Brasil, visto os Transportes Maritimos não desistirem da idéa de levar ao norte da Europa os passageiros. Isso é um grave erro, porquanto os nossos interesses e a nossa excepcional situação geographia exigem que se dê a preferencao ao nosso primeiro porto de comercio, cuja grandiosidade não tem paralelo.

Tudo quanto não seja o que expomos em synthese é contraproducente e lesivo dos nossos mais legitimos e caros interesses.

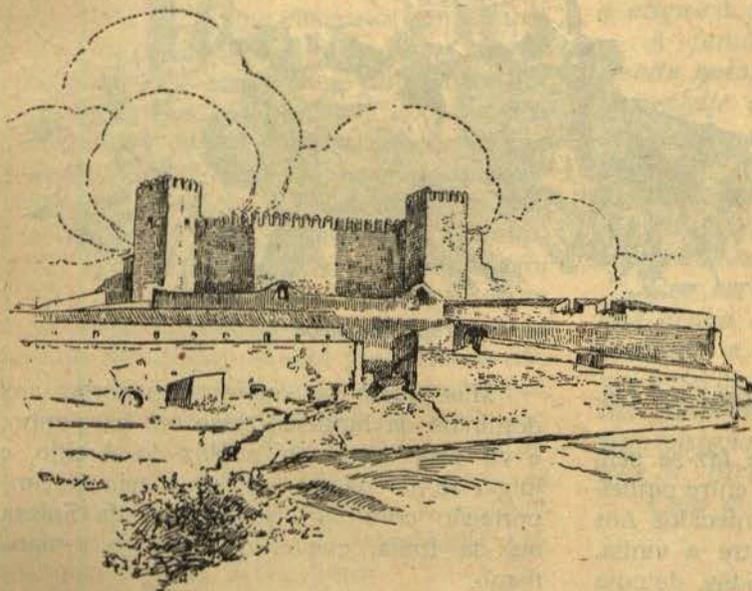
GUERRA MAIO



RIQUEZAS PATRIAS

CASTELOS DE PORTUGAL

DE Elvas ainda se pode visitar *Campo Maior*, a 15 kilometros de diligencia, e onde uma cinta de muralhas bem conservadas e um castelo do tempo de D. Diniz cercam a antiga vila.



CASTELO DE CAMPO MAIOR

Ha só hospedarias; mas a pequena distancia que separa Campo Maior do Caminho de Ferro, e os continuos comboios, dispensam bem a falta de um hotel.

Retrocedendo, pode-se no regresso apaar

na Torre das Vargens e tomar-se, até Castelo de Vide, a linha de Caceres, que serpenteando entre altos trigaes e carvalhos solitarios e tristes, como monges em longadas de penitencia, percorre em pouco mais d'uma hora a distancia que nos separa.

Da estação uma diligencia conduz á vila, situada n'um contraforte da serra de S. Paulo, espreitando d'ahi a doce paisagem do vale, onde a agua brota jorros por enormes bicas de marmore branco.

Em meia hora se chega a *Castelo de Vide*, toda branca e em cujas frontarias das vivendas, algumas de remota origem, sobresaem os preciosos marmores dos alisares. No cimo eleva-se o castelo que refulge os pôr-do-sol, meio arruinado, com as ameias a desabar e os rebelins esburacados, mas com a torre

de menagem ainda de pé.

Castelo de Vide oferece aos seus visitantes, alem de belos pontos de vista, a serra da Penha, onde uma ermida branca realça sobre uns penhascos. A lhaneza do seu povo é proverbial. Um modesto hotel,

cujo dono procura captivar a clientela, é o complemento exigido pelo viajante.

D'aquí pode-se ir a *Marvão*, por uma boa estrada, em que a paisagem, por vezes extasiante, faz esquecer ao turista os seus 17 kilometros.

A vila, apertada n'um pequeno circo de muralhas, da época de D. Diniz, é um antigo baluarte, que n'algum tempo foi inexpugnável, e que importante papel representou nas guerras peninsulares (sendo das primeiras que se levantaram contra os invasores) e nas luctas liberaes de 1833.

De Marvão desce-se para o caminho de ferro por duas leguas de estrada cacolando a montanha, com passagem em Santo Antonio das Areias, onde D. João da Camara faz passar esse delicado poema theatral que intitulou «Os Velhos».

Da estação a Lisboa, varios comboios circulam, entre os quaes o Rapido de Madrid, que em 4 horas conduz a capital.



A linha ferrea de Oeste, tem a recommendal-a, alem da variada paysagem e dos seus vales ridentes, dois castelos, onde a arte marcou prodigios, e a tradição e a lenda tem duas das suas melhores paginas. São: o castelo de *Obidos*, a trez horas de Lisboa, e o de Leiria, a cinco.

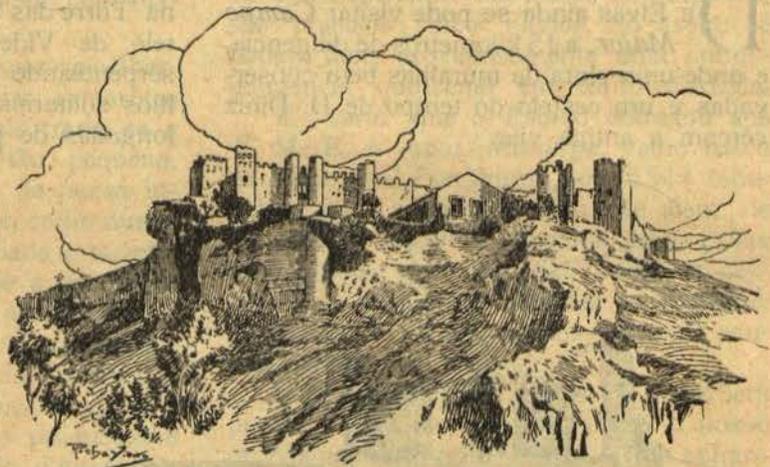
A viagem é agradável e faz-se sem enfado. O comboio ora desliza entre pinheiros solitarios e tristes, adormecidos nos montados, ora mergulha entre a vinha, em varzeas extensas, até Obidos, de cuja estação se avista no monte fronteiro o castelo rigidamente hirto e airosamente soberbo nas suas rendilhadas ameias.

E, com efeito, as altas muralhas do castelo, que apertam a pequena vila, parecem dizer-nos, n'um grito de orgulho, a lealdade dos seus defensores, irmãos em idéas dos heroicos alcaides de Coimbra

e de Celorico, na fidelidade ao infeliz rei D. Sancho II.

O cerco, sem resultado, que Affonso III pôz a Obidos, valeu a este rei o titulo de «Sempre leal», por cuja homenagem ainda hoje os de Obidos se ufanam.

A' vista da monotonia da vila, em contraste com a formosa lagoa de Obidos, apetece-nos abalar; e dois caminhos temos para isso, qualquer d'eles cheios de interesse: um, para as Caldas da Rainha, com 5 kilometros de boa estrada, recommendavel pelo interessante templo do Senhor da Pedra, que se nos depara no caminho, mandado fazer pelas faustuosidades de D. João V; outro, em torno da lagoa de Obidos, que um carro percorre em meia hora.



CASTELO DE OBIDOS

Mas quem se quiser transportar aos dominios da fantasia, tome um barquinho, e vá pela lagoa até a Foz do Arelho, e julgar-se-ha dentro de uma tela de importação com os doces lagos da Suissa ou da Italia, cheios de sonho e romantismo.

Depois de uma demora, vendo em extasi desfazer-se, como beijos de criança, esses rolos de espuma, que o mar atira pela areia, loira como os trigaes maduros, toma-se um trem ou um auto, para se ir repousar a um dos muitos hoteis que as Caldas possuem.

GUERRA MAIO.

A VILEGIATURA EM PORTUGAL

E A FALTA D'INDICAÇÕES

EM Portugal ha, entre outros vicios muito condemnaveis, um que é prejudicialissimo aos interesses nacionaes e que muito particularmente afecta a industria do turismo. Referimo-nos á falta de guias de viagens.

Na França, na Suissa, na Italia, na antiga Allemanha, essas publicações faziam-se profusamente antes da guerra, incitando o gosto pelas viagens, suggestionando itinerarios commodos e atrahentes e indicando todas as precisas informações para um completo programa de vilegiatura

Em Portugal, apenas ha uma publicação n'esse genero: o *Guia oficial dos Caminhos de ferro* que gosa do privilegio exclusivo da venda nas gares.

Houve, em tempo, uma interessante publicação editada pela antiga firma Martins & Galla, d'um aspecto semelhante aos guias estrangeiros e que era muito vantajosa pelas completas e elucidativas indicações que continha; mas como a sua venda tinha de ser limitada ás livrarias e kiosques, não produzindo assim a compensação sufficiente ás grandes despezas que ocasionava, os seus editores viram-se obrigados a suspendel'a, deixando assim só em campo a já *historica* Guia oficial, que, como é a *unica publicação que no genero se faz em Portugal*, os seus proprietarios não se cançam em melhora'l'a e em torna'l'a util, que é principalmente o que ela devia ser.

Isso faz tambem com que amiude recebamos aqui queixas de toda a parte, ás quaes não temos dado publicidade esperanças n'uma melhora do *Guia oficial* que, de resto, nunca mais chega.

E como entendemos que o nosso continuado silencio podia ser tomado como cumplicidade em um estado de coisas que requer immediato remedio, passaremos a transcrever todas as reclamações que n'esse sentido nos forem dirigidas, pois que a epoca não permite contemporisações.

Assim damos hoje á estampa a carta

que nos foi dirigida pelo Sr. Victor Monteiro Guimarães que é um verdadeiro turista e assignante da *Revista de Turismo* desde o seu primeiro numero.

Sr. Director da "Revista de Turismo,"

Como sou amator ferrenho de excursões na nossa linda terra, tomo a liberdade de chamar a atenção de V. para um facto de capital importancia para quem se aventura a viajar nos caminhos de ferro nacionaes, seja por necessidade, distracção, estudo ou qualquer outro motivo.

Quero referir-me á falta, bastante sensível, de um Guia-horario que possa merecer tal nome e por consequente tenha alguma utilidade prática para quem o adquira ou consulte.

A famosa Unica publicação auctorisada pelas Direcções, que todos nós infelizmente conhecemos, é de tal modo deficiente, cheia de disparates, mal impressa e pejada de gralhas que não tenho dúvida em a classificar de pessima e constitue um verdadeiro vigário para os compradores.

Por certo está V. muito ao facto do que acabo de expôr; no entanto a sua bondade e dedicação ao turismo nacional relevar-me-hão a impertinencia d'estas desprezenciosas linhas. Sou um antigo assignante da util e patriotica Revista que V. dirige.

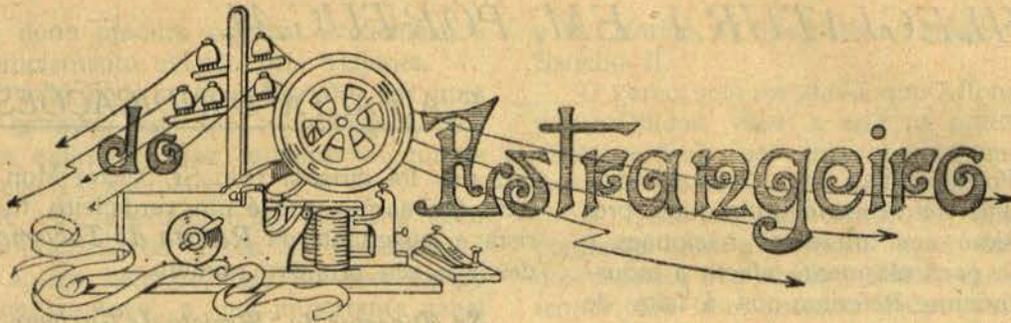
Com a maior consideração.

Sou de V. etc.

Victor Monteiro Guimarães

s/c Lisboa outubro 1920.

Tem toda a razão o nosso correspondente e asseguramos-lhe que não deixaremos o assumpto no esquecimento, dada a capital importancia que ele representa na industria das viagens em Portugal.



FRANÇA

OH! *La France immortelle!* — dizia, após a victoria, um grande espirito francez. E assim é, realmente!

A França, em todas as situações — as mais felizes, como as mais criticas — manifesta-se sempre soberana. Nas alegrias, ela regosija-se pelo valôr do motivo que lhe deu a superioridade; sente-se orgulhosa por esse facto, com aquella justa noção do orgulho que lhe vem do patriotismo. Nas suas criticas situações, esse mesmo orgulho patriótico faz com que ela saiba calar as amarguras, mascarando-as aos olhos dos outros e mascarando-se — se tanto fôr preciso — com uma aparência em que se não possa traduzir a origem do sofrimento que a apoquentava intimamente.

Veja-se o exemplo de 1870!

Quando toda a gente pensava que ela estava financeiramente aniquilada pela memoravel guerra, que teve a sua desforra no ultimo cataclismo mundial, eis que toda a Nação se apresenta, de frente erguida e rapidamente, saldando a divida que lhe foi então imposta pelo tratado da Paz!

— E como se operou o milagre?

Todos o sabem e, por isso, o não repetimos. Frizamol'o, simplesmente, para mostrar o grande e sentido patriotismo que existe n'esta poderosa nação e que constitue uma indissolúvel tara hereditaria.

Assim, não admira que ela vença sempre e que sempre vinguem todas as suas idéas, todos os seus esforços e as suas tentativas, que faz coroar do mais retumbante exito.

D'elas destacaremos a mais recente e que vem agitar o mundo pela sua imediata influencia: — é a de transformar Paris n'uma estação de Turismo!

O alcance d'esta deliberação sob todos os pontos de vista, principalmente no que se relaciona com a industria das viagens em França e com o desenvolvimento da economia franceza, é a resultante d'uma extraordinaria previsão. *Paris, estação de turismo*, equivale a dizer que, d'uma fórmula geral e muito directamente, a orientação da vilegiatura em França se fará, de futuro, sob a direcção da grande capital, que d'esta fórmula se constituirá em base dos serviços de turismo. Isto é — em bom portuguez: qualquer estrangeiro que vá a Paris e que apenas limite o seu desejo em visitar essa Cidade, não sahe da França sem ter visitado todos os seus pontos de turismo, as suas thermas, as suas estancias de cura e de repouso, os seus museus, os monumentos e obras d'arte, o pitoresco dos seus arredores e das suas provincias — emfim sem vêr bem a França e só depois de deixar lá... tudo quanto leve no bolso para gastar. E para que assim aconteça, lá está já o sindicato d'iniciativa de Paris, com todos os *bureaux de renseignements* indispensaveis para prender o turista no mais apertado cinto das atrações.

Mas... o interesse directo de tornar Paris em estação de turismo é representado pelo facto de, ao abrigo d'essa classificação, ser cobrada aos estrangeiros uma taxa especial que eles são obrigados a esportular nas terras que, em França, têm essa classificação.

Sabendo-se como Paris é visitada por estrangeiros e a importancia da sua continua população fluctuante, avalie-se a quanto montará o total da sobretaxa que começa a receber a grande capital com a sua classificação de «*estancia de Turismo*» ao abrigo da lei de 24 de setembro de 1919!?!

Podemos afoitamente afirmar que a industria de turismo, em França, será o principal factor para a sua breve reconstituição economica.

Para termo d'esta noticia, acrescentaremos, apenas, que o Conselho Municipal de Paris concedeu, para a instalação do respectivo Sindicato d'Iniciativa e dos necessarios postos d'informação, uma subvenção de 500.000 francos.

Compare-se... e avalie-se.

O «*Esperanto*» no Turismo

V^{AE} creando vulto a idéa da difusão do *Esperanto*, que alguns pretendem tornar uma lingua universal.

Na perspectiva de que realmente assim venha a succeder, alguns membros do Touring-Club de France resolveram organizar-se em um grupo, sob a denominação de «*Grupo Esperantista do Turismo*», para especialmente desenvolver, com o auxilio do «*esperanto*», o turismo estrangeiro em França.

Como se vê por esta simples noticia, publicada no ultimo numero do Boletim do T. C. F., todos os motivos são aproveitados imediatamente para o fim principal: — atrahir o estrangeiro a essa grande nação.

E é tal o entusiasmo despertado por essa idéa — quasi que unica no pensamento dos francezes que a querem levar de vencida, que o minimo ensejo d'onde pode resultar um beneficio, ou que constitua o ponto de partida para o complemento d'essa obra que eles classificam «do mais alto interesse nacional», é acolhido com o mais solícito cuidado e com carinhosos extremos.

Assim é que a idéa da divulgação do

esperanto em França ha-de ter uma tão grande legião de adeptos que, dentro em pouco, imporá esse idioma como imprescindivel nos cursos dos liceus... para uso universal.

Crêmos, porém, que, entretanto, surgirá um qualquer grupo nacionalista e não menos patriota, que se oporá a esse desenvolvimento, afim de obstar a que a lingua franceza, ainda hoje classificada como internacional, não seja substituida por outra... sem patria.

BELGICA

Um monumento belga em Londres

DURANTE a guerra, os belgas refugiados em Londres, esperançados sempre no proximo dia da sua victoria final, pensaram em marcar, depois de terminada essa hecatombe mundial, a sua inolvidavel gratidão para com aqueles que lhe dispensaram o mais hospitaleiro dos acolhimentos e lhes proporcionaram uma assistencia generosa durante o prolongado periodo das hostilidades. Para isso e sob os benéficos auspicios do Sr. Hymans, recentemente nomeado ministro da Belgica junto da côrte de St. James, constituiu-se um «comité», do qual fizeram parte as mais importantes personalidades belgas, então em Inglaterra, tendo sido eleito seu presidente o sr. Lambotte, director da Academia de Belas-Artes da Belgica.

Depois de diversos alvitres apresentados sob a fórmula do mais intimo reconhecimento, foi resolvido que se erigisse um monumento como synthese d'esse facto; sendo convidado o escultor belga, Victor Rousseau, ao tempo viajando na Grã-Bretanha, para idealisar o modelo d'esse padrão.

Ao mesmo tempo, o Comité organisava uma subscrição entre os belgas residentes e refugiados no paiz inglez, estabelecendo, como minimo, um shilling e cujo montante ascendeu a uma consideravel quantia.

Ao cabo d'alguns dias, o escultor

Rousseau apresentou a sua *maquêta*, representando, n'uma admiravel simplicidade, a Patria, symbolisada n'um magestoso grupo de bronze, ensinando ás novas gerações o seu dever de gratidão para com a nação amiga. Duas outras figuras talladas em alto relêvo, personificam a Honra Britanica e o Respeito dos Tratados. Uma tocante inscripção e os escudos das nove provincias belgas completam a significação d'esse historico monumento, aliás pouco magestoso.

O conjunto é fundamente tocante, pois que na sua expressão outra coisa não se encontra que não seja a tradução d'esse penhorante agradecimento dos belgas — e nada mais é preciso que o monumento signifique, além da natural expressão de

sympathia que se evola d'esse symbolo.

Este padrão acha-se erecto n'um sitio muito pitoresco, em uma das margens do Tamisa, em face ao famoso obelisco trazido do Egypto em consagração á Rainha Victoria, n'um dos ultimos periodos do seu reinado.

O celebre monumento dos belgas foi inaugurado no dia 22 d'outubro passado, sendo essa cerimonia solemnisada com discursos pronunciados por Lloyd George e Lord Curzon e dois banquetes : um almoço oferecido pelo Lord Mayor de Londres, na Mansion House, recepção pela Princeza Louisa, Duqueza d'Argyl, tia do Rei d'Inglaterra, e um lauto jantar dado pelo Governo britanico como demonstração da franca amizade anglo-belga.

LISBOA ANTIGA



PASSEIO PUBLICO